

A LITERATURA INFANTIL E SEU USO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO

Petrônio Vieira da Silva¹

Resumo:

O objetivo deste trabalho é demonstrar a importância da literatura infantil na educação dos alunos, fazendo uma exposição de conceitos e valores essenciais para a vida em sociedade e promovendo uma analogia entre as histórias tradicionais e as novas versões atuais.

Palavras-chave: Literatura, escola, educação.

.Abstract:

The objective of this work is to demonstrate to the importance of children literature in the educational process, showing concepts and values which are essential to life in society and promoting an analogy between traditional and current stories.

Key words: Literature, school, education.

Introdução:

O interesse de contar histórias deve ter surgido nos homens, no momento em que se viram frente à necessidade de propagação de experiências, que poderiam ser benéficas às futuras gerações vindouras. As primeiras histórias puramente infantis surgiram ao final do século 17 e 18. Até então não existia uma literatura infantil, pois, a infância não era distintamente separada da vida dos adultos. Na classe operária, os pais levavam suas crianças para trabalhar e complementar seus salários nas fábricas e os rebentos da corte, eram observados e educados por suas amas de leite.

Com o passar do tempo, um novo grupo social se ascendeu - socialmente. Devido a queda das cortes e dos impérios e ao surgimento do capitalismo, a burguesia toma frente e se torna um dos grupos sociais mais ricos e fluentes da época.

Nesse momento, as mulheres da classe alta passaram a desempenhar um novo papel dentro da família, ou seja, passaram a exercer a função de zeladoras do bem estar dos filhos e da casa.

¹ Graduando em Letras pela FUCAMP – Fundação Carmelitana Mário Palmério – Monte Carmelo – MG.
Contato: saturnosistemasolar@hotmail.com.

Visando “controlar” a classe pobre (classe trabalhadoras), e fazendo uso das “ideologias capitalistas”, promove-se assim a criação do sistema de educação em massa.

As crianças de forma geral, que passavam o tempo em casa, ou ao lado de seus pais nas fábricas, começam a freqüentar a escola.

A infância começa a existir na vida dos jovens, e é nesse momento que a literatura infantil, aliada à pedagogia, com o intuito de moralizar e educar os jovens vem à tona.

A infância enquanto tal, isto é, uma certa etapa etária imobilizada num conceito demarcado, veio a ser idealizada. Tratados de pedagogia foram escritos para assegurar sua singularidade, sendo o recurso à fragilidade biológica do infante o fundamento da diferença em relação ao período adulto. Assim, um fator de ordem fisiológica e transitória detona uma teoria sobre a dependência da criança, o que legitima o estreito vínculo desta aos mais velhos. Enquanto isto, sua falta de experiência existencial converte-se no sintoma de uma inocência natural que tanto se deve preservar idealmente, sobretudo em ensaios teóricos de cunho científico, como destruir aos poucos, por meio da ação pedagógica preparatória, que justifica a necessidade de preparar os pequenos para os duros embates com a realidade e com as mazelas da vida cotidiana.

A função da literatura então, é o de preparar os jovens por meio de “modelos” criados nas fábulas e contos infantis, com o intuito de educar.

Ao francês Jean La Fontaine (1621/1692) coube a função de dar a forma definitiva a uma das formas literárias mais resistentes ao desgaste dos tempos: a fábula, introduzindo-a definitivamente na literatura ocidental. Embora escrevendo para adultos, La Fontaine tem sido leitura obrigatória para crianças de todo mundo.

Podemos citar aqui algumas fábulas de La Fontaine: “O Lobo e o Cordeiro”, “A Raposa e o Esquilo”, “Animais Enfermos da Peste”, “A Corte do Leão”, “O Leão e o Rato”, “O Pastor e o Rei”, “O Leão, o Lobo e a Raposa”, “O Leão Doente e a Raposa”, “A Corte e o Leão”, “Os Funerais da Leoa”, “A Leiteira e o Pote de Leite”. Para quem as inventa, a fábula é um jogo de raciocínio. Um jogo ágil e lógico, cujo resultado é um ensinamento.

Nos contos de fadas, quem lê “Cinderela” não imagina que há registros de que essa história já era contada na China, durante o século IX d.C. e, assim como tantas outras, tem-se perpetuado há milênios, atravessando toda a força e a perenidade do folclore dos povos, sobretudo, por meio da tradição oral.

Pode-se dizer que os contos de fadas, na versão literária, atualizam ou reinterpretam, em suas variantes questões universais, como os conflitos do poder e a formação dos valores, misturando realidade e fantasia, no clima de “Era uma vez...”

Por lidarem com conteúdos da sabedoria popular (folclore), com conteúdos essenciais da condição humana, é que esses contos de fadas são importantes, perpetuando-se até hoje. Neles encontramos o amor, os medos, as dificuldades de ser criança, as carências (materiais e afetivas), as auto-descobertas, as perdas, as buscas, a solidão e o encontro. Os contos de fadas caracterizam-se pela presença do elemento “fada”. Etimologicamente, a palavra fada vem do latim *fatum* (destino, fatalidade, oráculo).

Os contos dos Irmãos Grimm; os dois irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859), eram alemães. Após a morte dos pais começaram a viajar muito a trabalho. As histórias que as pessoas contavam deram aos irmãos a idéia de escrevê-las. As mais famosas são: “Chapeuzinho Vermelho”, “Rapunzel” e “Branca de Neve e os Sete Anões”.

Recolhem, diretamente, da memória popular as antigas narrativas, lendas ou sagas germânicas, conservadas por tradição oral. Buscam encontrar as origens da realidade histórica germânica, os pesquisadores encontram a fantasia, o fantástico, o mítico... e uma grande Literatura Infantil surge, para encantar crianças de todo o mundo.

Observa-se em vários contos e histórias que o bem sempre vence o mal, por exemplo:

Na história de Chapeuzinho Vermelho (Capinha Vermelha), escrita pelos irmãos Grimm, o lobo é um ser astuto e cruel, mas por causa de suas maldades acaba tendo um final trágico, ou seja, para uma criança que ouvir essa história, internalizaria que os maus atos, sempre acabam tendo uma reação negativa, evitando assim, tais comportamentos dentro do contexto social. Na história de João e Maria, cujo autor é desconhecido, escrita; João e Maria por serem crianças travessas, acabam se perdendo na floresta e quase são devorados pela horrível bruxa doceira, ou seja, uma criança que não se comporta bem, acaba se dando mal, e nunca confie num estranho que te ofereça um doce.

São valores e conceitos dessa gama que são absorvidos pelas crianças. Algumas histórias infantis trazem no final da obra, explicitamente ou implicitamente um valor moral.

Desde sua criação, essas histórias estavam sendo utilizadas pela pedagogia com o mesmo intuito citado acima, mas com o passar dos anos, e com os estudos e avanços da psicologia do comportamento infantil, algumas mudanças estão ocorrendo.

Segundo Oliveira:

O caminho para a redescoberta da Literatura Infantil, em nosso século, foi aberto pela Psicologia Experimental que, revelando a Inteligência como um elemento estruturador do universo que cada indivíduo constrói dentro de si, chama a atenção para os diferentes estágios de seu desenvolvimento (da infância à adolescência) e sua importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto. A sucessão das fases evolutivas da inteligência (ou estruturas mentais) é constante e igual para todos. As idades correspondentes a cada uma delas podem mudar, dependendo da criança, ou do meio em que ela vive. (OLIVEIRA, 2007:2)

As histórias passaram a ter novas versões, pois, alguns estudiosos afirmam que o negativismo de algumas obras infantis pode ocasionar sérios problemas comportamentais das crianças.

Mas essas novas versões atingiram o patamar do ridículo e do enfadonho.

Na versão atual do conto “o Lobo e o três Porquinhos”; o lobo não teve em momento algum a intenção de derrubar nenhuma casa. O fato se dá, devido a falta de açúcar que a pobre criatura estava passando e inocentemente foi até a residências dos porcos pedir-lhes um pouco do cristalino produto. Quando o Lobo chega, ele bate na porta e fica aguardando a chegada do morador, enquanto isso, ele dá uma crise de espirros, ocasionando a derrubada da casa.

Na versão atual do conto “Chapeuzinho Vermelho” acontece a mesma coisa.

No ano de 2007 foi criado um filme “Deu a louca na Chapeuzinho” escrito por Cory Edwards; Todd Edwards e Tony Leech na direção de Cory Edwards.

Nesse filme, o lobo é um inocente jornalista que investiga o desaparecimento das receitas de doces do local, uma criatura honesta, justa, e incumbida de encontrar a verdade. A menina da capinha vermelha, era a distribuidora dos doces feitos por sua avó. A avozinha era uma profissional renomada e muito conhecida por mérito de seus quitutes, mas que também tinha outra paixão. Adorava praticar esportes violentos e radicais, era também carateca e lutava de forma harmoniosa e perspicaz contra os vilões do filme. O lenhador era um ator de cinema que na vida real, não passava de um

vendedor e sorvete e doces. Entrou na casa da avó da Chapeuzinho, porque quando estava praticando seu papel de cortador de árvores, ele derruba uma enorme e para não se ver esmagado por ela se atira pela janela, indo parar na sala de estar da vovozinha.

As novas versões estão causando, em minha opinião, e na opinião de outros escritores, uma reviravolta na cabeça das crianças. Observem esse comentário de Lya Luft, “Uma dose de realismo no trato com crianças ajudará a dar-lhes o necessário discernimento, habilidade para perceber o positivo e o negativo, e escolher o melhor” (LUFT, 2006:28).

As histórias infantis, como fora citadas acima, na grande maioria das vezes auxiliam no desenvolvimento do discernimento entre o bem e o mal, escolhas que surgem em todos os momentos de nossa vida.

O papel das histórias infantis (versões tradicionais) promove uma preparação do público infantil para o mundo, ou seja, suas mazelas, tristezas, maldades e decepções, pois, uma criança alienada dificilmente tornar-se-ia um cidadão com escolhas próprias, tornando-se assim, uma pobre criatura vítima das ideologias políticas e sociais.

Por meio dos contos infantis, as maiorias das crianças tornam-se mais cautelosas, pois, um “lobo” que bate a porta, pode na verdade ser, um seqüestrador, um estuprador ou um ladrão.

Uma pobre velhinha que lhe oferece um doce, pode ser na verdade uma molestadora de crianças.

O fato é que as histórias devem ser contadas da mesma forma como foram escritas no passado, pois o mundo é cheio de mazelas e cabe a essas histórias preparar de forma rudimentar esses jovens para a vida.

Referências:

CUNHA, Leo. "Literatura Infantil e Juvenil". In: **Formas e Expressões do Conhecimento**. Minas Gerais: Ed. UFMG, 1998.

DINORAH, Maria. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LUFT, L. Quem Ama Cuida. **Revista Veja**, São Paulo: Abril, 1966 ed., n. 29, p. 26, jun. 2006.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo. **Livros e infância** [online]. Disponível em: <<http://www.graudez.com.br/litinf/livros.htm>> Acesso em: 19 julho 2007.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura Infantil -Voz de Criança.** São Paulo: Ática, 1986.

ZILBERMAN, R. **A Literatura Infantil na Escola.** São Paulo: Globo, 1981.